



Ficha de Bem-Estar Animal: Uma ferramenta para avaliação comportamental de fauna silvestre hospitalizada

RESUMO: O estudo apresenta a Ficha de Bem-Estar Animal, desenvolvida para monitorar e registrar estratégias para manutenção de bem-estar aplicadas a animais silvestres internados. Utilizada em hospital veterinário-escola, a ferramenta demonstrou ser eficaz, flexível e adaptável, de forma a auxiliar no manejo clínico, o que favorece a recuperação dos pacientes de forma mais humanizada e alinhada às boas práticas da medicina veterinária.

Palavras-chave: Animais silvestres. Enriquecimento ambiental. Internação veterinária.

INTRODUÇÃO

O número crescente de animais silvestres atendidos em hospitais-escolas veterinários evidencia a necessidade de práticas clínicas que considerem não apenas a recuperação física, mas também o bem-estar mental desses indivíduos durante a internação. O ambiente hospitalar transmite estímulos artificiais e impõe restrições de espaço, fatores que representam uma fonte significativa de estresse e podem comprometer a resposta imune, alterar o comportamento e afetar negativamente o prognóstico dos pacientes (MORGAN & TROMBORG, 2007).

Neste contexto, estratégias de enriquecimento ambiental e avaliação sistemática do bem-estar tornam-se fundamentais. A literatura aponta que práticas de enriquecimento bem conduzidas estimulam comportamentos naturais, reduzem estereotípias e favorecem a recuperação clínica e comportamental de animais mantidos sob cuidados humanos (SOUZA, 2022; RAMPIM, 2017). O enriquecimento ambiental pode ser classificado em cinco tipos: sensorial, cognitivo, alimentar, social e físico (AZEVEDO, 2018), e cada uma dessas classificações exerce efeitos distintos sobre a recuperação do paciente.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho foi apresentar um modelo de ficha de avaliação das técnicas de enriquecimento ambiental promovidas em um ambiente hospitalar, validada e utilizada na rotina do Setor de Animais Silvestres do Hospital Veterinário da Universidade de Brasília (HVET-UnB).

METODOLOGIA

O estudo sobre a aplicabilidade da Ficha de Bem-Estar Animal foi realizado no Setor de Animais Silvestres do HVET-UnB. Para a coleta de dados, foi utilizada a ficha desenvolvida pela equipe técnica do referido setor, com o objetivo de monitorar e registrar intervenções de enriquecimento ambiental, bem como seus impactos no comportamento de animais silvestres em processo de recuperação clínica.

O instrumento contempla a identificação individual do animal, informações referentes ao seu manejo, histórico clínico, características do recinto onde está alojado e especificações dos recipientes utilizados para a oferta de alimentos. Ademais, a ficha inclui o manejo de necessidades específicas como a necessidade de exposição à luz solar e a possibilidade de implementação de estratégias de enriquecimento ambiental, classificadas nos seguintes tipos: sensorial, alimentar, físico, social, cognitivo e misto.



A ficha foi desenvolvida em 16/04/2024, cada paciente possui uma ficha individual, o que possibilita a adoção de condutas específicas de acordo com as particularidades de cada espécie. Essa abordagem proporciona um ambiente hospitalar menos estressante, de forma a contribuir para a recuperação clínica.

A aplicabilidade da ficha no setor segue um protocolo definido. Inicialmente, é realizada uma avaliação do recinto onde o animal está alojado, a fim de verificar a necessidade de adequações, como ajustes no espaço físico, presença e disposição de poleiros, substratos, entre outros elementos. Em seguida, são determinadas as estratégias de enriquecimento ambiental mais adequadas, levando em consideração as condições clínicas do animal e seu histórico comportamental. Antes da introdução do enriquecimento, o animal é observado por um período de aproximadamente dez minutos, com o objetivo de estabelecer uma linha de base de seu comportamento. Após essa etapa, o enriquecimento é implementado por um período previamente definido, geralmente entre duas horas, durante esse período, são realizadas observações sistemáticas para avaliar a resposta comportamental do animal frente ao estímulo oferecido.

As anotações na ficha incluem registros objetivos quanto às limitações do animal (ex: restrições locomotoras, sensoriais ou comportamentais), seu interesse pelo enriquecimento, a frequência e duração do uso e possíveis efeitos positivos ou negativos. Esses registros permitem ajustes contínuos nas estratégias adotadas, assegurando uma abordagem individualizada e baseada no bem-estar de cada paciente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento de dados sobre enriquecimento ambiental, realizado entre agosto de 2024 e fevereiro de 2025, envolveu a recuperação de 65 pacientes: 20 mamíferos (20/65; 30,76%), 40 aves (40/65; 61,53%) e 5 répteis (5/65; 7,69%).

Entre as aves, destacaram-se passeriformes (11), psittaciformes (14) e rapinantes (10). Para passeriformes, foram propostos 36 enriquecimentos, sendo 11 sensoriais (11/36; 30,55%), 12 alimentares (12/36; 33,33%), 7 físicos (7/36; 19,44%), 5 cognitivos (5/36; 13,88%) e 1 social (1/36; 2,77%); para psittaciformes, 135 enriquecimentos foram aplicados: 60 alimentares (60/135; 44,44%), 38 sensoriais (38/135; 28,14%), 26 cognitivos (26/135; 19,25%), 6 físicos (6/135; 4,44%) e 5 sociais (5/135; 3,7%); para rapinantes, foram ofertados 95 enriquecimentos, sendo 33 alimentares (33/95; 34,73%), 31 sensoriais (31/95; 32,63%), 20 cognitivos (20/95; 21,05%), 9 físicos (9/95; 9,47%) e 2 sociais (2/95; 2,1%). Outras aves (columbiformes, piciformes e galiformes) receberam 18 enriquecimentos: 6 alimentares (6/18; 33,33%), 2 físicos (2/18; 11,11%), 4 sensoriais (4/18; 22,22%), 5 cognitivos (5/18; 27,77%) e 1 social (1/18; 5,5%). A taxa de interação total das aves com as estratégias de bem-estar foi de 226 interações (226/284; 79,5%), atestando um valor consideravelmente positivo.

Entre os mamíferos, 9 primatas e 11 didelfídeos receberam enriquecimentos específicos. Para os primatas, foram aplicados 118 métodos: 55 alimentares (55/118; 46,61%), 42 cognitivos (42/118; 35,59%), 17 sensoriais (17/118; 14,40%), 3 físicos (3/118; 2,54%) e 1 social (1/118; 0,84%); já para os didelfídeos, foram propostos 42 enriquecimentos: 16 alimentares (16/42; 38,09%), 8 sensoriais (8/42; 19,04%), 12 cognitivos (12/42; 28,57%), 4 físicos (4/42; 9,52%) e 2 sociais (2/42; 4,76%). A taxa de interação dos mamíferos foi significativamente positiva, apresentando um valor de 122 interações (122/160; 76,25%).

Os répteis, por sua vez, representaram quatro testudines e um squamata. Para o squamata, 11 enriquecimentos foram realizados, sendo 8 sensoriais (8/11; 72,72%) e 3 físicos (3/11; 27,27%); e para os testudines, foram aplicados 74 enriquecimentos: 11 alimentares



(11/74; 14,86%), 24 sensoriais (24/74; 32,43%), 4 cognitivos (4/74; 5,4%), 29 físicos (29/74; 40,84%) e 6 sociais (6/74; 8,1%). A taxa de interação dos répteis foi a mais alta, totalizando 77 interações (77/85; 90,58%), um valor significativo e que expressa os bons resultados obtidos pela equipe de bem-estar.

No geral, os pacientes atendidos pelo HVET-UnB apresentaram uma taxa de interação positiva com os enriquecimentos, totalizando 429 interações bem-sucedidas (429/529; 81,09%), evidenciando a importância das práticas de bem-estar e a eficácia do modelo de ficha adotado.

CONCLUSÃO

A utilização da Ficha de Bem-Estar Animal no HVET-UnB mostrou-se eficiente para avaliar e integrar o bem-estar de animais silvestres à rotina clínica durante a internação. O modelo proposto permite o registro organizado das intervenções de enriquecimento ambiental e possibilita a observação do comportamento dos pacientes ao longo do tempo, com a possibilidade de realizar ajustes conforme as necessidades individuais. Sua adoção favorece o desenvolvimento de uma cultura institucional que valoriza o cuidado integral, que considera tanto os aspectos físicos quanto comportamentais no processo de recuperação.

REFERÊNCIAS

1. SOUZA, A. Enriquecimento ambiental como ferramenta na manutenção do bem-estar de animais selvagens em cativeiro. Belém: Universidade Federal Rural da Amazônia, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária).
2. MORGAN, K. TROMBORG, C. Sources of stress in captivity. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 102, n. 3-4, p. 262–302, 2007.
3. AZEVEDO, C; BARÇANTE, L. Enriquecimento ambiental em zoológicos: em busca do bem-estar animal. **Revista Brasileira de Zootecias**, v. 19, n. 2, 2018.
4. RAMPIM, L. Efeitos etológicos e endócrinos do enriquecimento ambiental sobre o bem-estar de cães mantidos em canil. **Araçatuba**: [s.n.], 2017. 50 f. : tab.; il.